

UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA

INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS

DEPARTAMENTO DE TURISMO

Alexia de Freitas Garcez Moreira

**Corpo-árvore de um anfitrião-casa: a camuflagem na paisagem e rituais de
eco-hospitalidade dos Ents em *O Senhor dos Anéis***

Juiz de Fora

2023

Alexia de Freitas Garcez Moreira

Corpo-árvore de um anfitrião-casa: a camuflagem na paisagem e rituais de eco-hospitalidade dos Ents em *O Senhor dos Anéis*

Dissertação apresentada ao curso de Turismo da Universidade Federal de Juiz de Fora como requisito parcial à obtenção do título de Bacharel em Turismo.

Orientador: Prof. Dr. Humberto Fois Braga

Coorientador: Prof. Dr. Guilherme Augusto Pereira Malta

Juiz de Fora

2023

Alexia de Freitas Garcez Moreira

Corpo-árvore de um anfitrião-casa: a camuflagem na paisagem e rituais de eco-hospitalidade dos Ents em *O Senhor dos Anéis*

Trabalho de conclusão de curso apresentado à Faculdade de Turismo da Universidade Federal de Juiz de Fora, como requisito parcial à obtenção do grau de bacharel em Turismo.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Humberto Fois-Braga – Orientador
Universidade Federal de Juiz de Fora

Prof. Dr. Guilherme Augusto Pereira Malta
Universidade Federal de Juiz de Fora

Prof. Dr. Francijonison Custódio do Nascimento
Secretaria de Estado da Educação, da Cultura, do Esporte e do Lazer do Rio
Grande do Norte

AGRADECIMENTOS

Lembro de quando eu tinha 12 anos e ficava horas no celular olhando o site da UFJF sonhando com o dia em que eu seria aluna de uma das melhores universidades do país. Sinceramente, nem nos meus maiores sonhos eu imaginava que esse meu desejo poderia se concretizar e hoje, julho de 2023, apresento meu trabalho de conclusão de curso para receber meu diploma como turismóloga, formada pela Universidade Federal de Juiz de Fora. Chegar até aqui não foi nada fácil, duvidei de mim mesma em muitos momentos, mas felizmente tenho inúmeras pessoas ao meu lado que a todo momento me lembraram que eu sou capaz de fazer tudo o que eu quiser. Por isso, preciso agradecer a algumas pelo apoio que recebi durante toda minha jornada. Primeiramente, agradeço à minha mãe, a mulher mais corajosa que conheço, por sempre ter sido meu porto seguro e a pessoa que me inspira todos os dias. Agradeço também ao meu irmão, Allan, por me incentivar sempre, ser um modelo para mim e me lembrar o quão especial eu sou. Também, à minha irmã Júlia, que me ensina a levar a vida de forma leve e alegre. Agradeço aos meus pais: Márcio, Luiz Carlos e Marcos. Ao meu pai Márcio, agradeço por sempre me incentivar a sonhar grande. Ao meu pai Luiz Carlos (*in memoriam*), por sempre ter acreditado no meu potencial e por toda a paciência em me ensinar as tarefas de matemática. Ao meu pai Marcos, por sempre estar ao meu lado e me acolher quando preciso. Não poderia deixar de agradecer também ao Yann, meu melhor amigo e meu amor, por ser o melhor companheiro que eu poderia ter e por ter me apoiado durante todo esse período, me dando forças para continuar. Preciso agradecer também à alguns amigos que foram essenciais nessa jornada. À Ana Luísa, por ser a minha pessoa e sempre se fazer presente na minha vida. À Carol e Gabriel, meus amigos de ensino médio, que fizeram a época de vestibular ser menos dolorosa e que sempre comemoram minhas conquistas como se fossem as deles, sou imensamente grata pela amizade de vocês. À Ana Júlia e Daíde, minhas amigas de curso, que se tornaram amigas de vida e um dos maiores presentes que a faculdade me deu. À Ayla e Luísa, minhas companheiras de pesquisa, que fazem tudo ficar mais leve e divertido, sou grata por as ter conhecido e tê-las hoje como grandes amigas. Não poderia também deixar de agradecer aos meus professores e orientadores, Humberto Fois e Guilherme Malta, que me acolheram e me ajudaram durante toda minha vida acadêmica, sou muitíssimo grata por ter tido a oportunidade de trabalhar e estudar com pessoas que admiro tanto.

SUMÁRIO

Introdução.....	7
1. Revisão literária.....	9
2. Corpo-árvore: a paisagem de um anfitrião-casa.....	11
3. Ritual de hospitalidade dos Ents.....	17
Considerações finais.....	21
Referências bibliográficas.....	22

CORPO-ÁRVORE DE UM ANFITRIÃO-CASA: A CAMUFLAGEM NA PAISAGEM E RITUAIS DE ECO-HOSPITALIDADE DOS ENTS EM *O SENHOR DOS ANÉIS*

ALEXIA DE FREITAS GARCEZ MOREIRA

Resumo: O presente estudo possui como objetivo compreender e analisar como ocorre o ritual de eco-hospitalidade retratado no capítulo 4, *Barbárvore*, do livro III da saga *O Senhor dos Anéis, As Duas Torres*. No capítulo, o momento de acolhida é performado por um ser-árvore, causando estranhezas e distinções na ordem relativamente fixa do ritual de hospitalidade. O trabalho é dividido em três capítulos, o primeiro acerca de teorias e conceitos importantes para compreensão do estudo, o segundo sendo uma análise do corpo arbóreo do anfitrião e o terceiro sendo um ensaio sobre como ocorre o ritual de hospitalidade no capítulo de recorte. Como resultado, o trabalho gera uma crítica literária, com o intuito de trabalhar a interdisciplinaridade entre literatura, turismo, hospitalidade e geografia, além de entender como o anfitrião vivencia a experiência da hospitalidade e como esta pode transformar suas visões, opiniões e perspectivas. Além disso, no que tange ao turismo, entende-se que a literatura de fantasia pode ser um dispositivo de incentivo ao estudo de turismo e à prática da atividade.

Palavras-chave: Árvores. Hospitalidade. Paisagens. Barbárvore. O Senhor dos Anéis.

Abstract: The present study aims to understand and analyze how the eco-hospitality ritual portrayed in chapter 4, *Barbárvore*, from book III of the Lord of the Rings saga, *The Two Towers*, occurs. In the chapter, the moment of welcome is performed by a tree-being, causing strangeness and distinctions in the relatively fixed order of the hospitality ritual. The work is divided into three chapters, the first about theories and concepts important for understanding the study, the second being an analysis of the arboreal body of the host, and the third being an essay on how the ritual of hospitality occurs in the cut chapter. As a result, the work generates a literary critique, aiming to work on the interdisciplinarity between literature, tourism, hospitality, and geography, in addition to understanding how the host experiences hospitality and how it can transform their views, opinions, and perspectives. Moreover, with regard to tourism, it is understood that fantasy literature can be a device to encourage the study of tourism and the practice of the activity.

Key-words: Trees. Hospitality. Landscapes. Treebeard. The Lord of the Rings.

Introdução

J.R.R. Tolkien (1892-1973) foi um estudioso da língua inglesa, que se especializou em inglês antigo e médio. Tolkien escreveu obras como *O Hobbit* (1937) e a saga *O Senhor dos Anéis* (1954-1955), que se passam em um território antigo, criado pelo escritor e nomeado por ele como Terra-Média.

Na sua mitopoética, a Terra-Média vivencia 7 eras: a primeira retratada em *Silmarillion* (1977), a segunda em *Contos Inacabados de Númenor e da Terra-Média* (1980), a terceira em *O Hobbit* (1937) e na saga *O Senhor dos Anéis* (1954-1955), e as eras quarta, quinta, sexta e sétima que não foram desenvolvidas.

Os livros da saga *O Senhor dos Anéis* se pautam em diversas viagens, em que o protagonista, Frodo, desloca-se com seus companheiros, dentre eles Sam, Merry e Pippin, até chegar nas terras de Mordor para destruir o Anel no fogo da Montanha da Perdição. Neste sentido, a estrutura narrativa de aventura é pautada na “jornada do herói” (CAMPBELL, 2007 [1949]; VOGLER, 2015). Assim, no decorrer do trajeto acontecem diversos momentos de interação de hospitalidade, que podem ser identificados durante os períodos de pedido de acolhimento dos viajantes ao passar por diversas regiões que constituem a Terra Média.

Ao longo da história, é possível ver a jornada do herói sendo construída com base em aventuras, encontros e desencontros, ocorridos em diversas paisagens e territórios distintos. Como viajantes, os personagens precisam ser acolhidos por onde passam e cada local é habitado por diferentes povos. Este trabalho, mais especificamente, visa estudar como ocorre a relação de hospitalidade retratada no livro III, capítulo 4, nomeado como *Barbárvore*, do livro *As Duas Torres*, em que Merry e Pippin são acolhidos por um ser arbóreo, um Ent habitante da floresta de Fangorn, o que gera estranhezas e distinções durante o ritual de hospitalidade.

Este estudo justifica-se pela carência de análises acadêmicas a respeito das relações de hospitalidade das obras de J.R.R. Tolkien. Em uma pesquisa feita no site da *Tolkien Society*¹, foi encontrado apenas um artigo que aborda o tema, sendo

¹ A Tolkien Society é uma instituição de caridade educacional, sociedade literária e fã-clube internacional, dedicada a promover a vida e as obras de J.R.R. Tolkien. SOCIETY, The Tolkien. The Society. Disponível em: <https://www.tolkiensociety.org/society/>. Acesso em: 23 jun. 2023.

ele *Thrice Welcome: How The Hobbit teaches hospitality*, de Kathryn Olsen e Lorienne Shwenk (2021), que fala sobre o desejo inato de Bilbo, o Bolseiro, de ser hospitaleiro a todo momento e como a forma com que Tolkien convida seus leitores a entrar em uma toca no chão os ensina a exercer a hospitalidade. Já no Portal de Periódicos da CAPES não foram encontrados artigos que versem sobre tal temática. Na revista *Verbo de Minas*, do Centro Universitário Academia, foi encontrado um artigo intitulado *A Hos-ti-pitalidade do Um Anel: Uma Leitura do Conceito Derridiano na Obra O Senhor dos Anéis*, de Mariana Aparecida Venâncio e Humberto Fois-Braga (2022), que aborda a organização das relações de hospitalidade ao redor do Um Anel, um objeto animista que contém “mana” (ou energia) de seu criador. Assim, o artigo mostra que a hospitalidade oferecida ou recebida por este Um Anel se aproxima, na verdade, da *hos-ti-pitalidade*. O presente estudo se aproxima dos dois artigos citados pela análise e interpretação da hospitalidade ocorrida na obra de Tolkien, entretanto, os trabalhos diferem-se por tratar de diferentes momentos e protagonistas da história.

O trabalho foi dividido em 3 capítulos, sendo eles: Revisão literária, Corpo-árvore: a paisagem de um anfitrião-casa e Ritual de hospitalidade dos Ents. No primeiro capítulo, serão abordadas teorias e revisões de pesquisa que se relacionam ao tema para embasar as discussões que serão feitas. O segundo capítulo abordará a imagem do anfitrião e como se configura um ser que possui um corpo-árvore que, ao mesmo tempo, é casa e paisagem. Já no terceiro capítulo, será abordado e esquematizado como ocorre um ritual de hospitalidade performado por um Ent.

O presente trabalho tem como fundamento inicial a construção de um referencial teórico. Um estudo foi realizado com o intuito de compreender o universo da Terra Média e o modo como acontece o ritual de hospitalidade contido no capítulo 4, *Barbárvore*, do livro *O Senhor dos Anéis - As Duas Torres*. Também, a obra cinematográfica de Peter Jackson, *O Senhor dos Anéis - As Duas Torres*, foi utilizada como fonte de pesquisa para este estudo.

Dessa forma, será feita uma crítica literária, isto é, um discurso acerca de um texto literário e que visa realizar uma análise interpretativa da obra. Com isso, o intuito é entender como se configura o ritual de hospitalidade e as sequências das

ações no capítulo de recorte e explicitar as diferenças de acolhimento de um ser não humano que, ao mesmo tempo, também se constitui enquanto paisagem.

O estudo é composto por uma transdisciplinaridade entre hospitalidade, geografia e literatura, assuntos estes que conversam com o turismo. Assim, a pesquisa pode vir a auxiliar os profissionais e acadêmicos a compreender como a literatura de fantasia pode contribuir à reflexão e expansão do olhar sobre as viagens e mobilidades, que são os pressupostos para se exercer o turismo. Além disso, o estudo também contribui com o estudo da hospitalidade, ajudando a compreender suas nuances e como esta ocorre em diferentes cenários, o que impacta na experiência do hóspede. Também, a literatura de fantasia é uma excelente maneira de entender paisagens para além de seus elementos geográficos e visuais, abarcando uma perspectiva polissêmica e fenomenológica, já que nos dá a possibilidade de perceber questões que estão além do perceptivo em uma pesquisa de campo, trazendo nuances e detalhes que só são tangíveis a partir da arte. Assim, é possível dizer que a literatura expande a visão acerca do que é latente e invisível nas relações humanas, o que nos permite compreender melhor o cotidiano.

1. Revisão literária

Goffman (1985, p. 71) entende que a vida social é como uma representação teatral, na qual os indivíduos interpretam diversos e distintos papéis de acordo com os cenários em que se encontram. Nessa perspectiva, a hospitalidade pode ser entendida como uma encenação entre hóspede e anfitrião, cuja atuação parte tanto de quem chega, quanto de quem recebe. Grassi (2011, p. 45) aborda no livro *O Livro da Hospitalidade* que o hóspede se coloca no mesmo nível do anfitrião, uma vez que a hospitalidade se configura como um gesto de compensação, igualização e proteção, num mundo em que o estrangeiro não tem originalmente um lugar.

O papel do anfitrião é ritualizado em uma sequência de ações racionais e simbolicamente estruturadas: recepção, alimentação, entretenimento, hospedagem e despedida. Já o hóspede se adequa à encenação, hábitos e costumes do anfitrião durante sua estadia para que não haja conflitos. Nessa perspectiva, o livro *The Stranger's Welcome: Oral Theory and the Aesthetics of the Homeric Hospitality Scene* de Steve Reece (1993) fala sobre as convenções do ritual de hospitalidade

que ocorrem na cena homérica de hospitalidade, retratada na obra *Odisséia*². Assim, Reece (1993, p.5, tradução nossa) escreve que “(...) é realmente um composto de muitas cenas de tipo menores, incluindo, entre outras, chegada, recepção, assento, banquete, identificação, cama, banho, presente e partida, todas compostas em dicção altamente fórmica e dispostas em uma ordem relativamente fixa.”.

Dessa forma, ao observar o ritual de hospitalidade, esbarra-se nos conceitos de lugar e territorialidade, pois de acordo com Grassi (2011, p. 45) em *O Livro da Hospitalidade*

(...) a hospitalidade implica, portanto, obrigatoriamente, a penetração num espaço e a instalação de um ritual de acolhida. Para o *hospitus*, o hóspede de passagem, trata-se de ser admitido na soleira e, depois, no interior. O espaço a ser penetrado pode ser um espaço geográfico – em seus dois componentes, urbano e doméstico - ou um espaço psíquico – a penetração num território, o território do outro.

Nesse sentido, a respeito de lugar, é importante citar a topofilia, abordado por Yi-Fu Tuan (2015 [1930], p. 107): “a palavra ‘topofilia’ é um neologismo, útil quando pode ser definida em sentido amplo, incluindo todos os laços afetivos dos seres humanos com o meio ambiente material” (TUAN, 2015 [1930], p.107). Pode-se entender que para o autor, cada objeto disposto no ambiente possui uma história que se confunde com a dos habitantes, já que não possuem relação com os estrangeiros. Portanto, a casa de um anfitrião se configura como um território³ desconhecido por não possuir nenhum tipo de relação familiar com o hóspede, que trata-se de um desconhecido em primeiro momento.

Em contrapartida, a ideia de paisagens do medo também deve ser considerada, sobretudo pelo fato do capítulo de recorte se passar em uma floresta. Assim, para Yi-Fu Tuan (1979, p. 19-20), nos contos de fadas as florestas aparecem como lugares perigosos, que contrasta com o ambiente da casa, além de despertar o medo pela vastidão, amplitude e grandes árvores. Nesse sentido, para o autor a

² Poema épico, escrito por Homero, que narra as aventuras de um herói para voltar para casa após a Guerra de Tróia.

³ Para Haesbaert (2007, p. 20-21) a ideia de território “(...) em qualquer acepção, tem a ver com poder, mas não apenas ao tradicional "poder político". Ele diz respeito tanto ao poder no sentido mais explícito, de dominação, quanto ao poder no sentido mais implícito ou simbólico, de apropriação.”

floresta é “um não-mundo escuro e caótico no qual a pessoa se sente totalmente perdida” (Yi-Fu Tuan, 1979, p. 20).

Quanto à territorialidade, esta engloba a dimensão política, mas também as dimensões econômicas e culturais, Haesbaert, como citado em Sack (1986, p. 22), aborda que a territorialidade está “intimamente ligada ao modo como as pessoas utilizam a terra, como elas próprias se organizam no espaço e como elas dão significado ao lugar.” Assim, tal qual o conceito de lugar, a territorialidade se entrelaça com o ser que a detém e pode ser entendida como um reflexo de que a habita.

Em suma, entende-se que a hospitalidade, retratada no capítulo 4, Barbárvore, do livro *O Senhor dos Anéis - As Duas Torres*, mostra a encenação dos rituais de hospitalidade acontecendo de formas diversas na casa do anfitrião Fangorn (ou Barbárvore), sendo o principal objetivo do trabalho analisar estes rituais e entender as diferenças de um ritual de hospitalidade performado por um ser não humano. Outros conceitos importantes à nossa discussão serão apresentados ao longo da análise textual, em diálogo com o processo interpretativo das cenas narradas na obra.

2. Corpo-árvore: a paisagem de um anfitrião-casa

Os Ents são as “as mais antigas criaturas racionais vivas” (Tolkien, 2010, p.268) que surgiram na Terra Média como espíritos e optaram por adquirirem uma forma arbórea. Como relatado por Tolkien (2010, p.65), “(...) eram almas enviadas para habitarem árvores, ou então que lentamente assumiam a semelhança de árvores devido ao seu amor inato pelas árvores”. Dessa forma, compreende-se que os Ents escolheram incorporar a floresta em seu ser, abraçando a alteridade do local em que foram inseridos e não repelindo-a, como comumente poderia ser feito por um estrangeiro. Os Ents “são seres que propõem e vivem a re-ligação com a terra, sob um ethos da sinergia, do cuidado e da compaixão” (Nascimento, 2021, p. 195). Ao escolher tornarem-se árvores, a aparência dos Ents sofreu mudanças para misturar-se no espaço. A fisionomia de tais Ents é descrita por Tolkien (2019 [1954], p.689), quando o narrador relata o encontro de Merry e Pippin com estes seres da floresta:

Viram-se olhando para um rosto totalmente extraordinário. Pertencia a um grande vulto semelhante a um Homem, quase a um Trol, com pelo menos quatorze pés de altura, muito robusto, de cabeça alta e quase sem

pescoço. Era difícil dizer se estava trajado num material como casca verde e cinza, ou se aquilo era sua pele. De qualquer modo, os braços, a pouca distância do tronco, não eram enrugados, e sim cobertos de pele parda e lisa. Os grandes pés tinham sete dedos cada um. A parte inferior do rosto comprido estava coberta com uma ampla barba cinzenta, cerrada, de raízes quase ramosas, de pontas finas e musgosas. (...) Aqueles olhos fundos agora os esquadriharam, lentos e solenes, mas muito penetrantes. Eram castanhos, perpassados de luz verde.

Figura 1: Representação de Barbárvore no filme *O Senhor dos Anéis - As Duas Torres*.



Fonte: O SENHOR DOS ANÉIS: As Duas Torres. Direção: Peter Jackson, Estados Unidos: Warner Bros, 2002.

Figura 2: Representação do corpo de Barbárvore e de outros Ents no filme *O Senhor dos Anéis - As Duas Torres*.



Fonte: O SENHOR DOS ANÉIS: As Duas Torres. Direção: Peter Jackson, Estados Unidos: Warner Bros, 2002.

Nas imagens acima, é possível ver a questão da escala entre diferentes seres, e como Barbárvore foi representado no segundo filme da franquia, tendo uma imagem próxima ao que foi descrito por Tolkien, no modo como o corpo dos Ents são arvorescos. Assim, é nítido como os Ents se juntaram às florestas e viraram, de

fato, parte dela. Tal incorporação é vista na forma com que Barbárvore se apresenta aos hobbits, identificando-se como Fangorn, sendo este o nome da própria floresta em que os personagens se encontram, “(...) bem, eu sou um Ent, ou é assim que me chamam. Sim, Ent é a palavra. O Ent eu sou, poderíeis dizer em vosso modo de falar. *Fangorn* é meu nome, conforme alguns, outros dizem *Barbárvore*. *Barbárvore* há de servir”. Tolkien (2019 [1954], p.690), assim, entende-se que os Ents não são seres externos à floresta, isto é, eles são a floresta, sendo uma parte que fala de um todo, tal qual uma metonímia. Ao se identificar pelo nome do próprio local, Barbárvore torna complexa a sua individualidade corpórea e subjetiva, pois dilui as fronteiras de si para se expandir de modo a se tornar a própria floresta: o limite de seu corpo coincide com as bordas desta floresta, e daí que o processo de redução via desmatamento destas margens se torna muito mais do que uma agressão ao meio, passando a ser uma violência em seu próprio ser, para Nascimento (2021, p. 194) “Os ents são, literalmente, amigos das árvores e se compadecem com a destruição delas. Se revoltam com aqueles que as destroem, com os partícipes de uma geograficidade das submissões terrestres. Evocam, de certa maneira, um ecologismo, um movimento ecológico.”. Ainda, Barbárvore pode ser entendido como um personagem geográfico, que está intrinsecamente relacionado a um espaço, “O personagem geográfico é, em si mesmo, uma forma de representação espacial, pois a ele se associam um ou mais espaços cuja singularidade se revela a partir de sua constante relação com o mesmo” (Name, 2013, p. 78).

De acordo com o Dicionário Online Priberam de Português, “camuflar” é o ato de “colocar ou colocar-se sob aparência de outra coisa.”. Assim que os hobbits chegam à floresta, a presença de Barbárvore não é percebida devido a camuflagem do Ent que se confunde com a paisagem devido seu corpo e feições. Merry e Pippin só percebem a presença de Barbárvore quando este fala com os rapazes, “Quase sentiste que te agradava a Floresta! Isso é bom! Isso é excepcionalmente gentil de tua parte”, disse uma voz estranha.” (Tolkien, 2019 [1954], p. 689). Aqui, entende-se que as árvores não estão, mas são a própria floresta e constituem uma biosfera conectada pelas copas e raízes, formando uma comunidade cooperativa, mantendo uma relação de “amizade” e proteção entre si (Wohlleben, 2017).

O corpo arbóreo tem suas particularidades. Apesar de Barbárvore ser uma criatura antropomórfica e ter algumas características humanas, como olhos, boca, barba, a própria fala e o andar, o personagem ainda sim é uma árvore, portanto,

possui singularidades arbóreas. A lentidão é uma das características deste corpo, no mundo possível a morosidade das árvores é um tanto quanto diferente da dos Ents, que são seres que possuem mobilidade, entretanto, Wohlleben (2017, p.14) diz que árvores não são rápidas, mesmo que estejam em perigo, por exemplo quando são atacadas por outros animais:

(...) as árvores percebem os ataques sofridos. (...) quando uma lagarta morde com vontade, o tecido da folha danificada se altera e ela envia sinais elétricos, da mesma forma que acontece com o corpo humano. No entanto, esse impulso não se espalha em milissegundos, como no nosso caso, mas a apenas 1 centímetro por minuto. Por isso demora até uma hora para que a substância defensiva chegue às folhas e acabe com a refeição da praga. As árvores não são rápidas, e mesmo em perigo essa parece ser sua velocidade máxima.

Ao conversar com os hobbits, Barbárvore diz que “Alguns de nós ainda são Ents verdadeiros e bastante vivazes à nossa maneira, porém muitos estão ficando sonolentos, tornando-se arvorescos, como poderíeis dizer.” (Tolkien, 2019 [1954], p. 695). É da natureza dos Ents a lentidão, principalmente pelo seu corpo feito de madeira e seu tamanho gigantesco, que os permite ter uma mobilidade bem vagarosa e demorada, por exemplo, no momento em que Barbárvore carrega os hobbits até sua casa, a caminhada demora um dia inteiro “O dia minguou, e o anoitecer se enrodilhava nos caules das árvores. Finalmente os hobbits viram, (...), uma terra íngreme e escura (...)” (Tolkien, 2019 [1954], p. 697).

Outra característica arbórea é a reprodução, pois na mitopoética de Tolkien existem os Ents, as Entesposas (esposas dos Ents) e os Entinhos (filhos dos Ents). Em suas cartas, Tolkien comenta sobre como Ents perderam suas Entesposas:

Acredito que as Entesposas de fato desapareceram para sempre, sendo destruídas com seus jardins na Guerra da Última Aliança (3429-3441 da Segunda Era), quando Sauron adotou uma política de terra queimada e queimou a terra delas contra o avanço dos Aliados Anduin abaixo (vol. II p. 79 refere-se a isso). Sobreviveram apenas na “agricultura” transmitida aos Homens (e Hobbits). Algumas, é claro, podem ter fugido para o leste, ou até mesmo ter sido escravizadas (...) (TOLKIEN, 2010, p. 299).

Wohlleben (2017, p. 26) aborda que muitas espécies de árvores não se reproduzem por consanguinidade, como os salgueiros que possuem apenas um sexo, isto é, existem salgueiros machos e fêmeas, portanto, não conseguem se reproduzir sozinhos, só com espécimes do sexo oposto. Nesse sentido, nas histórias de Tolkien não há registros que indiquem que os Ents acharam as Entesposas algum dia, por esta razão, não existem mais Entinhos na Terra Média.

Como Barbárvore conta: “Mas nunca houve muitos de nós, e não aumentamos em número. Não tem havido Entinhos — crianças, diríeis, não por um período de anos terrivelmente longo. Perdemos as Entesposas, vós sabeis” (Tolkien, 2019 [1954], p. 705). Logo, Ents são seres sexualmente definidos e a dispersão das Entesposas torna-se um risco de extinção para a espécie, entretanto, apesar disso há a oscilação e transformação de Ents em Árvores e vice-versa:

(...) Alguns de nós ainda são Ents verdadeiros e bastante vivazes à nossa maneira, porém muitos estão ficando sonolentos, tornando-se arvorescos, como poderíeis dizer. A maior parte das árvores são só árvores, é claro; porém muitas estão meio despertas. Algumas estão bem despertas, e umas poucas estão, bem, ah, bem, ficando *entescas*. Isso está ocorrendo o tempo todo. (Tolkien, 2019 [1954] p. 695)

Assim, apesar de não existir mais o nascimento de Entinhos, por outras vias, a espécie dos Ents não será extinta, pois pela tomada de consciência das árvores, os Ents renascem.

Além disso, Wohlleben (2017, p.61) explica que, assim como os humanos, as árvores possuem pele, porém, com terminologia diferente: “(...) a pele delas se chama casca, mas cumpre exatamente a mesma função que tem a pele humana: protege os órgãos internos do mundo exterior” (Wohlleben, 2017, p. 61-62). Dessa forma, do mesmo modo que a pele dos seres humanos demonstra sinais de envelhecimento, isso também acontece nas árvores, por exemplo, árvores mais jovens possuem cortiça lisa, enquanto as mais velhas possuem rugas que se aprofundam com o tempo. Isso também ocorre entre os Ents, uns são mais velhos do que os outros e nota-se no corpo deles: “Havia alguns Ents mais velhos, barbudos e retorcidos como árvores sãs, porém antigas (apesar de nenhum parecer tão antigo quanto Barbárvore); e havia Ents altos e fortes, de membros retos e pele lisa, como árvores da floresta no seu apogeu (...)” (Tolkien, 2019 [1954], p. 711). O próprio nome de Barbárvore ressalta esta especificidade do rosto: suas barbas aparentam ser de uma espécie de planta conhecida como barba-de-velho (*Tillandsia usneoides*).

Assim, o fato do anfitrião ser um ser árvore e não um ser humano impacta diretamente na forma como o ritual de hospitalidade ocorre. Barbárvore se alimenta apenas de líquidos e não possui cadeiras em sua casa, por este motivo, os recursos e equipamentos do anfitrião para acolher seus hóspedes são diferentes dos usuais e requerem certa adaptação, tanto por parte do hospedeiro, quanto por parte das visitas.

A diferença começa pela ultrapassagem da soleira e apresentação, quando Pippin e Merry chegam à floresta e encontram Barbárvore, este se apresenta como Fangorn (nome da floresta), assim, entende-se que o anfitrião configura-se como um corpo que se mistura na paisagem. Nesse sentido, é possível aplicar a perspectiva de Yi Fu Tuan acerca do lugar topofílico que conversa com a identidade biográfica do homem, sendo que, aqui, a identidade do “homem” e o lugar são um só, estão entrelaçados como um único ambiente. Apesar de Barbárvore ser parte da floresta Fangorn, ainda assim é um ser com mobilidade, portanto, possui outras casas além da que foi encontrada por Merry e Pippin, como o Ent mesmo fala: “Aonde vamos?”, perguntou Merry. “Ao meu lar, ou a um dos meus lares”, respondeu Barbárvore.” (Tolkien, 2019 [1954], p. 693).

Ao chegarem à casa de Barbárvore, o anfitrião oferece alimento aos seus hóspedes, uma espécie de água. A oferta de alimentos sólidos não acontece, já que não são consumidos pelo hospedeiro, assim como o anfitrião não possui cadeiras, pois não se senta, fazendo com que suas visitas se sentem em uma mesa. Nesse momento, vemos que a encenação da hospitalidade ocorre de uma forma muito distinta, entretanto, por mais estranho que seja aos hóspedes, estes se adequam à encenação, aos hábitos e costumes do anfitrião para que conflitos e desconfortos não aconteçam.

A hospitalidade performada por Barbárvore é rodeada de estranhezas, seja ela por parte do anfitrião ou do hóspede e, até mesmo, por parte do leitor. A casa de Barbárvore não foi feita para receber humanos, não existem cadeiras ou comidas humanas, assim, só resta a Barbárvore uma alternativa: tratar seus hóspedes como se fossem árvores. Assim, o anfitrião dá aos seus visitantes o líquido com que se alimenta e acredita que seu efeito será o mesmo neles, “Posso dar-vos uma bebida que vos manterá verdes e crescendo por muito, muito tempo.” (Tolkien, 2019 [1954], p. 693-694). Também, antes da partida para dormir, Barbárvore pressupõe que seus hóspedes dormirão da mesma forma que ele, isto é, em pé: “Mas agora vou ficar de pé e dormir um pouco. Onde ficareis de pé?” (Tolkien, 2019 [1954], p. 708).

Como já abordado neste capítulo, Barbárvore se apresenta como Fangorn, isto é, ele se apresenta como a própria floresta. Portanto, é possível compreender que Barbárvore recebe, em primeiro momento, os hóspedes em si mesmo, em sua casa. Apesar do anfitrião falar que possui outros lares, entende-se aqui que a floresta como um todo é a casa de Barbárvore, independente de onde seu corpo

esteja, é possível falar que a hospitalidade de Barbárvore trata-se de uma *eco-hospitalidade*. A relação simbiótica e espiritual dos Ents com as florestas remete à ideia do “*Genius Locci*”, conhecida também como “espírito do lugar”, que trata-se de uma “divindade romana que presidia e identificava o centro de um lugar, ao mesmo tempo em que se desenvolvia e se fortalecia nesse local.” (Nór, 2010, p. 84).

3. Ritual de Eco-hospitalidade dos Ents

O capítulo Barbárvore começa com os personagens Merry e Pippin adentrando a floresta Fangorn e encontrando com o Ent, Barbárvore, durante a caminhada. Na história, Fangorn configura-se tanto quanto um lugar topofílico, quanto topofóbico, isso porque o local é lar dos Ents, sendo então um lugar de laços e memórias afetivas para estes seres, porém, para os estrangeiros, a floresta é um espaço hostil e perigoso, o qual são alertados a não entrar. ““Por favor, Barbárvore,” disse ele, “posso perguntar-te uma coisa? Por que Celeborn nos alertou sobre tua floresta? Disse que não nos arriscássemos a nos enredar nela.”” (Tolkien, 2019 [1954], p. 694).

A história tem continuidade após os personagens se apresentarem e compreenderem que não apresentam riscos uns para os outros, assim, Barbárvore os convida para sua casa para que descansem e se alimentem.

Como já abordado no referencial teórico, o ritual de hospitalidade conta com uma série de ações em ordem relativamente fixa. Nesse sentido, no capítulo de análise, *Barbárvore*, é possível identificar as etapas do ritual, a começar pela identificação. Na obra, o capítulo tem início quando Pippin e Merry estão andando na floresta Fangorn, quando escutam a voz de Barbárvore pedindo a identificação dos rapazes “Virai-vos e deixai-me dar uma olhada em vossos rostos.” (Tolkien, 1954 [2019] p. 689). A identificação configura-se como um momento de estranhamento, em que seres diferentes estão se conhecendo e se familiarizando, o que é visto no diálogo que ocorre entre Pippin, Merry e Barbárvore:

Pippin, apesar de ainda espantado, não estava mais temeroso.
 (...) “Por favor,” disse ele, “quem és? E o que és?”
 (...) “Huu, ora!”, respondeu Barbárvore. “Huu! Ora, isso seria revelador! Sem tanta pressa. E sou eu que estou perguntando. Estais em minha região” (Tolkien, 1954 [2019], p. 690).

Aqui, ocorre o momento de alteridade através do rosto, que para Lévinas (1961, p. 199) “Diante do rosto, o eu se abre para a presença de um outro ente cuja

proximidade e aparência são apenas sinais de sua diferença transcendente.”. Ou seja, é através do rosto que conhecemos o outro e enxergamos a diferença entre um ao outro, diferença essa que é evidente na cena de encontro entre Merry, Pippin e Barbárvore. Sobretudo, a surpresa dos viajantes com a face de Barbárvore se dá pelo fato da criatura possuir semelhança a um rosto humano, e ao mesmo tempo se apresentar como uma árvore, o que aciona nos Hobbits uma angústia devido à incapacidade de posicionarem o que veem dentro de suas referências de mundo, ou seja, vivem um impasse entre o que lhes parece familiar (um rosto) e ao mesmo tempo lhes soa estranho (em uma árvore), o que Freud (1919) nomeia enquanto *unheimlich*⁴. Nesse trecho ainda é possível identificar a relação de poder entre o anfitrião e seu espaço, em que os estrangeiros precisam se apresentar para receberem hospitalidade. Como já expressado anteriormente neste trabalho, hospitalidade é um ato de ingresso no território alheio. Ainda pensando na alteridade, Grassi (2004, p. 45) discorre que “(...) todo território geográfico implica um território da alteridade”, isso porque o ato da hospitalidade não é confortável e espontâneo para nenhum dos atores envolvidos, o que gera grande estranheza e medo do estrangeiro.

Após a apresentação e uma breve conversa, Barbárvore convida os viajantes para seu lar e, literalmente, os transporta até o local, já que o ser carrega os hobbits em seus braços, “Segurando os hobbits suave, mas firmemente, cada um na dobra de um braço, (...)” (Tolkien, 2019 [1954], p. 694). A casa de Barbárvore fica numa espécie de caverna, tendo como entrada uma parede de rocha íngreme e de teto arqueado, que contém uma pequena cachoeira descendo por ela, fazendo com que os hobbits passem por uma purificação antes de adentrar à casa de Barbárvore: “Um pequeno regato escapava das nascentes mais acima e, deixando o curso d’água principal, descia tinindo pela face nua da parede, derramando-se em gotas de prata como uma fina cortina diante da concavidade arqueada” (Tolkien, 2019 [1954], p. 698).

Ao chegar na casa, o anfitrião dá seguimento ao ritual oferecendo uma bebida aos seus hóspedes, como uma forma de alimentá-los, nesse momento, o

⁴ Termo criado por Sigmund Freud, abordado na obra *Das Unheimliche* (O Estranho) para apresentar situações em que o familiar pode se tornar estranho e assustador. Para Freud (2019 [1919], p. 45), o *unheimliche* “diz respeito a dois círculos de representações, os quais, sem serem opostos, são de fato alheios uns aos outros”.

ritual já se configura de uma forma distinta pelo fato do anfitrião não ser humano. A bebida entregue aos hóspedes é a única fonte de alimento ingerida pelo ser-árvore, bem similar à água, “(...) era como água, de fato com gosto muito parecido (...). O efeito da bebida começava nos dedos dos pés e subia continuamente por todos os membros, trazendo refrigério e vigor à medida que fluía para cima, bem até as pontas do cabelo.” (Tolkien, 2019 [1954], p. 699).

Em continuidade ao ritual de hospitalidade, após os hóspedes se alimentarem, são convidados a se sentar, entretanto, Barbárvore diz: “Esta é uma casa-de-ent, (...) e receio que não haja assentos. Mas podeis vos sentar na mesa.” (Tolkien, 2019 [1954], p. 699), nesse sentido, configura-se novamente uma distinção no ritual devido à espécie do anfitrião. Seguindo, parte-se para o momento de entretenimento, em que os hóspedes contam de sua aventura para o anfitrião, “Agora contai-me vosso relato e não vos apresseis!” (Tolkien, 2019 [1954], p. 700). O entretenimento é uma forma do hóspede retribuir a hospedagem e as provisões materiais ao anfitrião, assim, o convidado fornece ao dono da casa informações do exterior ou histórias de aventura. No caso de Merry e Pippin, contaram à Barbárvore suas aventuras desde a saída da Vila-dos-Hobbits, no Condado, que é retratada no livro I, *O Senhor dos Anéis - A Sociedade do Anel*.

Após o entretenimento, acontece o momento de recolhida para o descanso: “Mas agora vou ficar de pé e dormir um pouco. Onde ficareis de pé?” “Normalmente nos deitamos para dormir”, respondeu Merry. “Vamos ficar muito bem onde estamos” (Tolkien, 2019 [1954], p. 708).

Na manhã seguinte, os hóspedes acordaram e se purificaram com um banho, “(...) enquanto Merry e Pippin se banhavam na bacia junto ao arco, (...)” (Tolkien, 2019 [1954], p. 709). Após o banho, Barbárvore serviu um café da manhã aos hobbits, “Serviu-lhes duas tigelas cheias de um jarro de pedra; mas de um jarro diferente. O gosto não era o mesmo da noite anterior: era mais terroso e rico, mais nutritivo e semelhante a alimento, (...)” (Tolkien, 2019 [1954], p. 709). Após a alimentação, os hobbits e o Ent partiram para o sul, a caminho de uma reunião de Ents. Aqui, é possível notar que, apesar dos hábitos alimentares dos Ents serem completamente diferentes dos humanos, ainda sim existe uma certa estrutura alimentar de refeições que se assemelha à do homem. Por exemplo, um humano realiza diversas refeições ao longo do dia, como café da manhã, que costuma ser mais reforçado para dar início ao dia, e lanche, que costumam ser mais rápidos e

revigorantes. Na situação dos Ents, é visto que na chegada dos hóspedes, estes são recebidos com uma bebida mais suave, similar a um lanche, mas no outro dia, a bebida servida já é mais encorpada e substancial, como um café da manhã.

É notório que o ritual de hospitalidade performedo por um Ent se configura de uma forma diferente do que se performedo por um humano, por exemplo. Assim, é possível inferir que a alteridade acompanha toda a acolhida durante o caminhar da história, desde o estranhamento ao rosto, até a ausência de uma cama para recolhida.

Figura 3: Sequência ocorrida na hospitalidade de Barbárvore



Fonte: Elaborado pelo autor

Reece (1993, p.5) retrata a ordem ocorrida na hospitalidade homérica, que inclui “(...) chegada, recepção, assento, banquete, identificação, cama, banho, presente e partida, (...)”, entretanto, o próprio autor deixa claro que cada cena é disposta em ordem relativamente fixa, isto é, a disposição dos atos de hospitalidade não são uma regra, podendo sofrer alterações. Assim, na hospitalidade performeda por Barbárvore a sequência dos atos ocorrem de forma diferente da hospitalidade homérica, sendo da seguinte forma: apresentação/identificação; alimentação; assento; entretenimento; recolhida para noite (cama); banho e partida.

Considerações finais

A hospitalidade é uma discussão pautada nas trocas que ocorrem nos deslocamentos, sendo assim, configura-se em uma tríade: dar, receber e retribuir. No capítulo “Barbárvore”, o anfitrião concede sua casa para receber hóspedes, os hóspedes recebem de bom grado a hospitalidade que era necessária e, por fim, as visitas retribuem o acolhimento ajudando o anfitrião e seus amigos em uma batalha. Durante o momento de acolhida, quando os hobbits começam a contar suas aventuras para o anfitrião, o Ent se enfurece com a traição e matança feita pelo mago Saruman, e decide então derrotar o feiticeiro e intima seus hóspedes para irem à guerra com ele. Assim, Barbárvore decide realizar uma reunião de Ents, o *Entencontro*, para decidir se o povo Ent iria à batalha e no outro dia seguiram para Isengard para derrotar o mago Saruman. Nessa perspectiva, é possível dizer que a hospitalidade é capaz de transformar o ser e, nesse caso, transformou o anfitrião. A transformação de Barbárvore acontece através da coragem de enfrentar Saruman, pois se não fosse a acolhida que foi dada à Merry e Pippin, o Ent não teria tomado a atitude de parar o mago. Desse modo, o ato de acolher não transformou só Barbárvore, mas também, indiretamente, outros Ents que despertaram para ir à guerra.

O estudo possibilitou a visão acerca da experiência vivenciada pelo anfitrião quando se fala de hospitalidade, já que muito se fala sobre a experiência vivenciada pelos hóspedes, tanto na hospitalidade comercial, quanto na doméstica. Mas pouco se menciona a respeito da experiência vivenciada pelos anfitriões, e como esta pode ser transformadora. Receber um estrangeiro, acolhê-lo como uma criança que precisa de cuidados também é uma experiência que pode vir a mudar visões, opiniões e perspectivas, assim como aconteceu com Barbárvore.

Além disso, no que tange ao turismo, é possível entender que a literatura de fantasia dá espaço para discussões interdisciplinares, podendo ser um ótimo dispositivo de reflexão, já que, sobretudo, a obra *O Senhor dos Anéis* é um famoso clássico da literatura de fantasia, tendo vendido mais de 150 mil cópias desde seu lançamento (Cinecom, 2021), tendo diversos fãs ao redor do mundo. Também, a literatura de fantasia pode fomentar a prática de fazer turismo, pois leva os leitores a imaginarem paisagens fantásticas que podem existir ou serem reproduzidas no mundo possível, como a cidade cinematográfica do filme *O Senhor dos Anéis*, a Hobbiton, situada na Nova Zelândia que no ano de 2014 recebeu pouco mais de 100 mil visitantes internacionais (Hi-Mundium, 2015).

Referências bibliográficas

CAMARGO, Selma de Abreu; FERREIRA, Nadiá Paulo. O estranho na obra de Sigmund Freud e no ensino de Jacques Lacan. *Trivium*, Rio de Janeiro, v. 12, n. 1, jan. 2020.

CAMPBELL, Joseph. *O herói de mil faces*. São Paulo: Editora Pensamento, 2007 [1949].

CINECOM. Qual é mais importante pra fantasia: Harry Potter ou O Senhor dos Anéis? Disponível em: <https://www.jornalismo.ufv.br/cinecom/qual-e-mais-importante-pra-fantasia-harry-potter-ou-o-senhor-dos-aneis/>. Acesso em: 1 jul. 2023.

FREUD, Sigmund. *O infamiliar [Das Unheimliche]*. Tradução: Ernani Chaves, Pedro Heliodoro Tavares e Romero Freitas. Belo Horizonte: Autêntica, 1919-2019.

Goffman, Erving. *A representação do eu na vida cotidiana*; tradução de Maria Célia Santos Raposo. Petrópolis, Vozes, 1985. Do original em inglês: *The presentation of self in everyday life*.

Grassi, M. C. (2011). *Transpor a soleira*. In: Montandon, A. (org.) *O livro da hospitalidade. Acolhida do estrangeiro na história e nas culturas*. São Paulo: Senac.

HAESBAERT, Rogério. Território e Multiterritorialidade: Um debate. *Geographia*, Rio de Janeiro, v. 17, n. 9, p. 19-46, fev. 2007

HI-MUNDIUM. *HOBBITON ATRAI MUITOS TURISTAS PARA NOVA ZELÂNDIA*. Disponível em: <https://hi-mundim.com.br/hobbiton-atrai-muitos-turistas-para-nova-zelandia/>. Acesso em: 1 jul. 2023.

LÉVINAS, E. Totalidade e Infinito. Lisboa: Edições 70, s/d.. (*Totalité et infini*).

NAME, Leonardo. Geografia pop: o cinema e o outro. Rio de Janeiro: Ed. Puc-Rio : Ed. Apicuri, 2013.

NASCIMENTO, Francyonison Custodio do. NARRATIVAS DA GEOGRAFICIDADE, LEGENDAS DO MUNDO: INTERPRETANDO AS PAISAGENS DE CINEMA EM O SENHOR DOS ANÉIS. 2021. 224 f. Tese (Doutorado) - Curso de Geografia, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2021.

NÓR, Soraya. PAISAGEM E LUGAR COMO REFERÊNCIAS CULTURAIS RIBEIRÃO DA ILHA - FLORIANÓPOLIS. 2010. 229 f. Tese (Doutorado) - Curso de Geografia, Universidade Federal de Santa Catarina Centro de Filosofia e Ciências Humanas Programa de Pós-Graduação em Geografia, Florianópolis, 2010.

OLSEN, Kathryn; SCHWENK, Lorienne. Thrice welcome: How The Hobbit teaches hospitality. Tolkien Society 2021 Winter Seminar, 2021.

O SENHOR DOS ANÉIS: As Duas Torres. Direção: Peter Jackson, Estados Unidos: Warner Bros, 2002.

REECE, S. The stranger's welcome: oral theory and aesthetics of the Homeric hospitality scene. Ann Arbor: University of Michigan Press, 1993.

SOCIETY, The Tolkien. The Society. Disponível em: <https://www.tolkiensociety.org/society/>. Acesso em: 23 jun. 2023.

TOLKIEN, Christopher. As Cartas de J.R.R. Tolkien. Curitiba: Arte & Letra, 2010.

TOLKIEN, J.R.R.. As Duas Torres. Rio de Janeiro: Harper Collins Brasil, 2019

TUAN, Yi-Fu. Landscapes of Fear. New York: University of Minnesota Press, 1979.

TUAN, Yi-Fu, 1930 - Topofilia [livro eletrônico] : um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente / Yi-Fu Tuan ; tradução: Livia de Oliveira. – Londrina : Eduel, 2015.

VENÂNCIO, Mariana Aparecida; FOIS-BRAGA, Humberto. A HOS-TI-PITALIDADE DO UM ANEL: UMA LEITURA DO CONCEITO DERRIDIANO NA OBRA O SENHOR DOS ANÉIS. Verbo de Minas, Juiz de Fora, v. 23, n. 41, p. 141-166, jul. 2022.

WOHLLEBEN, Peter. A vida secreta das árvores. Rio de Janeiro: Sextante, 2017.